



## Peregrinos da esperança

Esse é o tema escolhido pelo Papa Francisco para o Jubileu de 2025. Nós o indicamos como tema para 2024, ano em que nos preparamos para celebrar o Jubileu e para celebrar o 16º Capítulo Geral. ***Peregrinos da esperança*** é, de fato, a condição perene de cada pessoa; e anda mais, é a condição de cada cristão e de cada migrante.

O peregrinar sempre foi uma grande metáfora da vida humana. Representada pela arte em mil formas, hoje especialmente nos filmes de ficção científica (espaço, a última fronteira), talvez tenha recebido sua maior expressão nas aventuras de Odisseu. Obcecado em voltar para casa, Odisseu precisa primeiro passar pela transformação que ocorre em uma jornada que é tanto uma jornada para o desconhecido quanto uma jornada para dentro de si mesmo. A vida é uma peregrinação acima de tudo porque é uma busca. Dante Alighieri aborda o mesmo tema quando inicia sua jornada depois de se perder. Ele reconhece a Odisseu que compreendeu o que diferencia o homem de todos os outros seres, ou seja, “*seguir a virtude e o conhecimento*”, mas a busca humana sem a orientação da fé continua sendo uma “fuga avoadá”.

A peregrinação também é uma constante nas Escrituras Sagradas, começando com Abraão, chamado por Deus para ser uma bênção para as nações, mas como estrangeiro. De fato, ele é tirado de sua terra e colocado na condição de sem-terra para se encontrar continuamente em uma situação de busca. E mesmo quando a busca é cumprida com a entrada na terra prometida, a condição de errante permanece. Pedro, de fato, escreve aos cristãos dispersos na Ásia que eles não são chamados a construir suas próprias cidades, mas a serem, em sua peregrinação, pedras vivas de um edifício espiritual. De estrangeiros e peregrinos, eles se tornaram o povo de Deus.

São aspectos antropológicos e teológicos que também foram retomados por São João Paulo II, quando escreveu que “*a peregrinação é uma experiência fundamental e fundante da condição do crente, ‘homo viator’, o homem a caminho da Fonte de todo bem e de sua realização. Ao colocar todo o seu ser na jornada, seu corpo, seu coração e sua inteligência, o homem se descobre um ‘buscador de Deus e um peregrino do Eterno’. Ele se desarraigá de si mesmo para entrar em Deus*”. Bento XVI também aborda o tema do caminho e o faz em sua encíclica sobre a esperança. “A vida humana é um caminho. Em direção a que objetivo? Como encontraremos nosso caminho? A vida é como uma viagem no mar da história, muitas vezes escura e tempestuosa, uma viagem na qual examinamos as estrelas que nos mostram o caminho. As verdadeiras estrelas de nossa vida são as pessoas que souberam viver em retidão.

Nossa Viagem está ocorrendo no mar da história moderna e não é um mar calmo. No entanto, devemos resistir à tentação de pensar que era melhor antigamente. Precisamente em sua carta pastoral sobre o jubileu no início do século XX, há tantos anos, Scalabrini descreveu seu tempo da seguinte forma: “*O mundo geme sob o peso de grandes calamidades e doenças mortais minam a vida e bronzes de guerra vomitam a morte e as iniquidades do ser humano clamam incessantemente pela justiça divina...*”. Ele parece estar falando de nossos dias. Mas também

devemos resistir à tentação de pensar que sempre será assim e, assim, nos deixarmos levar pela indiferença e nos fecharmos em nosso mundinho particular.

Quem nos pede são os migrantes, que, mais do que qualquer outra pessoa, vivenciam a peregrinação de um país a outro movidos pela esperança. E não se trata, como o Papa Francisco nos lembrou recentemente, de *“um doce peregrinar em comunhão; muitas vezes é um drama”*. Essa também é uma tentação à qual devemos resistir, a de poetizar a migração com representações adocicadas. Ao mesmo tempo, chamados por vocação a estar ao lado deles, é nosso dever ouvir os migrantes, suas aspirações, seus sofrimentos, seus consolos e ajudá-los a explicar a esperança que há neles. É fácil ficar satisfeito, mesmo para os migrantes: ficar satisfeito por ter cruzado uma fronteira, por ter encontrado um emprego, por ter enviado dinheiro para casa. Mas a esperança que os impulsionou continua sendo a esperança de mais, e devemos ser capazes de apontar para esse mais. Os migrantes também têm o direito de ser *“buscadores de Deus e peregrinos do Eterno”*.

Como podemos viver o próximo ano como peregrinos da esperança? A primeira indicação nos vem do Papa Francisco. *“Neste tempo de preparação, desde já fico feliz em pensar que podemos dedicar o ano anterior ao Jubileu de 2024 a uma grande ‘sinfonia’ de oração. Em primeiro lugar, para recuperar o desejo de estar na presença do Senhor, para ouvi-lo e adorá-lo. Oração, além disso, para agradecer a Deus pelos muitos dons de seu amor por nós... Oração como um caminho para a santidade, que leva a uma contemplação viva também em meio à ação. Em suma, um ano intenso de oração, no qual os corações se abrem para receber a abundância da graça”*. A palavra sinfonia se refere à harmonia de muitos instrumentos, vozes e momentos. A missão nos colocou em contextos nos quais podemos contribuir para a sinfonia da oração, dando fôlego às várias tradições.

Uma segunda maneira de viver como peregrinos da esperança é apoiar a esperança dos migrantes. Já fazemos isso nas várias atividades em que estamos envolvidos em nossas missões. Pensemos em algo específico e útil. Por exemplo, articular o tema da esperança na formação, na catequese, na celebração; intervir, também com os leigos, em iniciativas de defesa e apoio; promover, em nível de região/província, a abertura de uma missão ou atividade particularmente significativa.

E então, vamos nos comprometer a participar ativamente da preparação do Capítulo Geral. Esse é um momento importante para a Congregação, que delineia o caminho para os próximos anos. Ele será tanto mais eficaz quanto mais expressar a visão que emerge da base, as exigências que são percebidas onde a esperança dos migrantes encontra a fé daqueles que conheceram Cristo, a esperança das nações. Se surgir a dúvida de que estamos trabalhando em vão, de que estamos esperando em vão, lembremo-nos do que Scalabrini recomendou: *“esperemos sem nos cansar”*.

Os migrantes partem porque a migração *“abre os caminhos floridos da esperança”*. Infelizmente, muitas vezes, a esperança deu lugar ao desespero. Nós, que somos como eles no caminho, fazemos a jornada juntos, porque a esperança se torna maior quando é compartilhada, sem tomar outros caminhos e na certeza, como ensina São João Paulo II, de que *“as coisas simples são mais bem aprendidas na experiência do caminho do que nos livros!”*

P. Leonir Chiarello, cs  
*Superior Geral*